



Processos de investigação e criação em dança: armando em cena através de lutas da afrodíaspóra

Bruna Letícia Souza Leite¹ – UFPE

Carla Juliana de Souza Santos² – UFPE

O grupo de investigação e criação **Armação** foi formado no ano de 2023 e reúne atualmente seis artistas, (cinco performers e um instrumentista), com atuação no campo da Dança, Teatro, Performance e Música. O grupo desenvolve investigações performáticas e transdisciplinares que articulam tradição e performatividade como potências de criação.

Seu primeiro movimento aconteceu por meio do projeto de extensão nomeado *Entre danças e artes marciais: jogos e práticas de auto-defesa* realizado na Universidade Federal de Pernambuco, no mesmo ano e concebido pela artista-pesquisadora Gabriela Santana. Após sete meses participando de aulas livres ministradas pela professora acima citada sobre danças e marcialidades afrodiaspóricas³, este grupo passou a dedicar-se à criação da performance temporariamente nomeada “A(r)madás”, desenvolvendo pesquisas artísticas-acadêmicas em diversos contextos.

A performance parte de práticas e imaginários das performances culturais estudadas que conjugam dança, canto, jogo, ritual e dinâmicas afromarciais,

¹Bruna Souza é dançarina, pesquisadora e brincante da dança popular. Estudante de Licenciatura em Dança na UFPE, faz parte dos movimentos das Quadrilhas Juninas e do Grupo Armação. *E-mail*: bruna.souzaleite@ufpe.br.

² Carla Juliana de Souza Santos é graduada em dança pela UFPE, pós-graduada em arte na educação, é professora, pesquisadora e artística da cena. Integrante do grupo Totem Recife, desde 2011, e do Grupo Armação, desde de 2023. *E-mail*: carla.juliana@ufpe.br.

³ Gabriela Santana é professora doutora do curso de Dança da UFPE e orientadora do Grupo Armação. Durante o doutorado desenvolveu a tese “A Esgrima Afrocolombiana: memórias, territórios e corporeidades” (2023).



propondo improvisações que encruzam repertórios corporais pessoais e coletivos em torno de memórias, territórios e corporeidades afrodiaspóricas.

Neste percurso, questões disparadoras, “como eu luto?”, “para que e porque eu luto?” que atravessam a cena e orientam a expansão dos corpos, favorecendo relações entre as cinco mulheres-performers. Através da dança e da música, esses corpos afirmam lugares de fala e pertencimento, elaborando gestos, movimentos e sonoridades como atos de celebração e insubordinação.

A inspiração de gestos, movimentos e sonoridades de matrizes afrodiaspóricas são elaborados para a celebração da dança e da luta como ato transgressivo e insubordinado de coragem. A Capoeira Angola, a Esgrima Afrocolombiana de facão e bastão(*de nome Machete y Bordón*), são disparadores, sobretudo pedagógicos, para o repertório base da investigação criativa de poéticas de resistências que compõem o imaginário das criadoras, favorecendo uma co-criação em dança desde as corporeidades que jogam, dançam e lutam, não somente fisicamente, mas também simbolicamente.

As práticas investigativas em dança se dão em caráter improvisacional através das corporeidades que confluem em repertório de movimento corporificado ao longo do processo criativo, por isso, se faz necessário realizar laboratórios de investigação, no intuito de mapear o movimento experimentado através de sentidos que tanto podem estar pré-estabelecidos em acordos do grupo, quanto podem ser desenvolvidos pela experiência do improviso.

Compreendemos, por esse meio, que a cena se constroi como um espaço de investigação, de escuta e principalmente de relação, onde os movimentos e gestos podem desencadear variadas leituras. Nesse território, a improvisação não se apresenta apenas como um caminho técnico, mas como um fundamento que impulsiona as experiências, individuais e coletivas, que possibilitam a construção de camadas de sentido.

Seguindo esta lógica, a preparação corporal se fundamenta nos repertórios construídos a partir da Capoeira Angola e da Esgrima de Facão e Bastão(Machete y



Bordón). Nesse processo, a construção corporal foi se ancorando na relação com o artefato, próprio do Machete y Bordón,- o bastão- que não se restringe a dimensão utilitária, do contexto da luta, mas como um processo de conexão e sensibilização para a memória. O objeto se transmuta em uma extensão do corpo, estabelecendo uma zona de fusão em que gesto e artefato se entrelaçam. Assim, os exercícios não se limitam só ao manejo técnico- ainda que este funcione como recurso para desenvolver a destreza e a defesa corporal- mas abre espaço para uma experiência expandida, onde corpo e artefato compartilham um mesmo campo de ação e de significação.

Buscamos, por meio dos exercícios e laboratórios, percepções essenciais nas práticas vivenciadas pelas pesquisadoras, como a construção de um olhar atento e tensionado, também presente nas expressões investigadas. Esse olhar opera como forma de comunicação, sustentada pela escuta sensível e pela percepção das propostas e acordos coletivos.

A cada cena nos permitimos acessar diferentes estados corporais e de jogo. Sobre isso, Schechner (2012) realça que, no jogo, os estados podem ser lidos em gestos e expressões faciais, e explica que, ainda que participem do mesmo acontecimento, os envolvidos podem ter experiências radicalmente diferentes.

Os estados são ativados a partir da intencionalidade de cada momento e mapeados através das sensações corporais vividas pela relação com diferentes motes de interesses trazidos através dos estudos das lutas/danças pesquisadas. Santana (2022) elucida sobre isso, que “Essas dinâmicas de movimento resultam em estados corporais que se conjugam, podendo ser vistos em um mesmo jogo, divertimento, fluxo, liberdade para improvisação, ao mesmo tempo em que toda movimentação apresenta rigor e precisão para atacar e defender-se.”

Por articular performatividade e tradição desde a compreensão de que as corporeidades, sejam nossas ou dos praticantes das expressões pesquisadas, acontece de forma intrínseca às memórias e os territórios em que as mesmas estão inseridas, potencializamos associações de referências culturais locais que



perpassam o imaginário de cada pesquisadora, favorecendo associações e estudos preliminares sobre corporeidades de resistência e luta que perpassam a vivência das integrantes, tais como o coco, em especial o coco de roda, as rodas de improviso do frevo, além do xaxado, que por sua vez, se consolida como expressão simbólica de insurgência, memória coletiva e afirmação identitária. Deste modo pretendemos amadurecer formas referentes ao processo de ressignificação e recriação de aspectos e princípios próprios do campo da tradição para uma pesquisa no e pelo corpo das pesquisadoras estimulando a compreensão, pelas danças e pelas marcialidades pesquisadas, questões referentes à raça, gênero e classe.

Pretende-se portanto, com a costura de cada cena elaborada, a ênfase em questões que envolvem tanto os repertórios das lutas/danças (capoeira e marchete y bordon), quanto a percepção da potencialidade dos corpos das mulheres na performance, já que somos atravessadas por violências de gênero que quando postas no processo criativo, acabam se entrecruzando e configurando uma estética política e social fundamentada pela necessidade de produzir saberes coletivos e estratégias de sobrevivência.

Investigando as subjetividades que compõem as corporeidades pesquisadas, adentramos sobre aspectos da autodefesa como estratégia para o combate das violências intrínsecas que marcaram nossas corporeidades, tal como versa Jota Mombaça (2021).

Ninguém passa incólume pela violência, e todas nós que fomos violentadas a e injustiçadas ao longo da vida sabemos bem disso. A violência cria marcas, implica vidas, e não é nunca um evento simples, é sempre complexa, multidimensional e por isso requer cuidado. Desse modo, para que não se confunda com um embrutecimento, é preciso articular os processos de redistribuição da violência com outras formas de cuidado, partindo do princípio de que é tão fundamental abraçar a própria violência quanto tornar-se responsável por ela (MOMBAÇA, 2021, p. 81).



Deste modo construímos uma pesquisa no campo da dança que busca reinventar e atualizar imagens e imaginários que foram reduzidos a estigmas e representações limitantes, descolonizando entendimentos sobre uma visão que fragmentou o corpo por segmentos disciplinares que distanciam lutas e seus rituais das danças e estas das tantas lutas que nos fortalecem e geram conhecimento pessoal.

Referências

LIGIÉRO, Zeca. **Corpo a corpo**: estudos da performances brasileiras. Rio de Janeiro: Garamond, 2011.

LIGIÉRO, Zeca (org.). **Performance e antropologia de Richard Schechner**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2012.

MOMBAÇA, Jota. **Não vão nos matar agora**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

SANTANA, Gabriela Santos C. *A improvisação desde as corporeidades afrodiaspóricas que jogam, dançam e lutam*. **Dança: Revista do Programa de Pós-Graduação em Dança – PPGDança/UFBA**, Salvador, v. 7, n. 1, p. 13-27, jul./dez. 2022.

SANTANA, Gabriela Santos Cavalcante. **A Esgrima Afrocolombiana**: memórias, territórios e corporeidades./Gabriela Santos Cavalcante Santana.-- Rio de Janeiro, 2023.